

A revista *Nueva Historia* e a renovação da historiografia chilena a partir do exílio (1981-1989)¹

The magazine Nueva Historia and the renewal of Chilean historiography after exile (1981-1989)

Lays Corrêa da Silva

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil e pesquisadora associada do Núcleo de História Oral e Memória do TEMPO/UFRJ.
layscorrea.s@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6664-4891>
<http://lattes.cnpq.br/7428446396071629>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir o papel da revista *Nueva Historia* na renovação da historiografia chilena nos anos de 1980. A revista foi feita por um grupo de historiadores chilenos no exílio reunidos na Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido. Iremos analisar como a Revista se tornou um importante espaço de sociabilidade entre esses historiadores exilados e os historiadores chilenos que a recebiam no país, permitindo a circulação de ideias que levou à renovação da historiografia no Chile no período da Ditadura Militar. Além disso, iremos discutir como essa renovação se deu a partir de uma rede transnacional formada por esses historiadores e importantes nomes da historiografia inglesa cujas reflexões contribuíram para a formação da Nova História Social Chilena.

Palavras-chave: Revista Nueva Historia; Exílio; História Intelectual.

Abstract: This article aims to discuss the role of the magazine *Nueva Historia* in the renewal of Chilean historiography in the 1980s. The magazine was created by a group of Chilean historians in exile gathered at the Association of Chilean Historians in the United Kingdom. We will analyze how the Magazine became an important space for sociability between these exiled historians and the Chilean historians who received it in the country, allowing the circulation of ideas that led to the renewal of historiography in Chile during the Military Dictatorship period. Furthermore, we will discuss how this renewal took place based on a transnational network formed by these historians and important names in English historiography whose reflections contributed to the formation of the New Chilean Social History.

Keywords: Magazine Nueva Historia; Exile, Intellectual History.

¹ O presente artigo é fruto de um dos capítulos da minha pesquisa de doutorado, defendida em março de 2024. A tese obteve financiamento CAPES e, posteriormente, FAPERJ Nota 10.

Introdução

Uma das formas de repressão utilizada pelas Ditaduras Militares que atingiram o Cone Sul do continente americano nos anos de 1960 a 1980 foi a imposição do exílio. O exílio é um “um mecanismo de exclusão política, social e cultural como forma de eliminar a dissensão política” (COSTA, 2018: 164). Ele afasta aqueles que são considerados “indesejáveis” na esperança de que com isso deixem de ser um problema. Entretanto, no caso do exílio de intelectuais, esse objetivo acabou na maior parte das vezes não sendo alcançado. Uma vez longe de seus países de origem e com a possibilidade de serem escutados pela comunidade internacional, os exilados latino-americanos, especialmente os intelectuais, transformaram o exílio em um espaço de resistência, seja para fazer denúncias sobre a situação real de seus países, seja para continuar suas reflexões e propor soluções e saídas para o autoritarismo vivido em sua terra natal.

A experiência do exílio permitiu a grande parte dos intelectuais latino-americanos a construção de novos espaços de sociabilidade, marcados por uma dupla função: continuar discutindo e pensando seus países de origem, mas também se integrar nos novos debates e discussões que o país de acolhimento proporcionava. A formação de associação de exilados e de centros de pesquisa, permitiu que esses intelectuais circulassem em novos espaços e ampliassem suas redes de contato. Outro importante espaço de sociabilidade nesse contexto foram as revistas que se tornaram os principais espaços definidores dos debates políticos e intelectuais que atravessaram o exílio. De acordo com o historiador francês Jean-François Sirinelli (SIRINELLI, 2003), as revistas são espaços que se configuram por meio de forças antagônicas, de adesão e de exclusão. A adesão se dá geralmente por uma fidelidade intelectual, por amizades que se configuram nesses espaços e pela influência que as revistas podem exercer. Enquanto as forças de exclusão dizem respeito a posições tomadas por uma determinada revista e cisões advindas disso. Por ter esse caráter ambíguo e ser um espaço em constante construção, já que, a cada nova edição, novas fidelidades são formadas e oposições reforçadas ou não, as revistas são fontes extremamente importantes para nos aproximarmos do movimento das ideias, como definiu Sirinelli. No caso das revistas produzidas no exílio, podemos dizer que esse movimento esteve quase sempre atrelado às mudanças políticas do país de origem,

configurando momentos em que, do exílio, os intelectuais começaram a discutir estratégias de transições e a pensar também em seu próprio retorno.

Nos interessa neste artigo recuperar o papel de uma dessas Revistas surgidas durante o exílio de intelectuais chilenos: a *Nueva Historia*. Criada pela Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido, essa Revista serviu como espaço de sociabilidade intelectual não só para os historiadores chilenos exilados no país, mas também entre estes e aqueles que haviam ficado no Chile. A publicação foi organizada pelos historiadores Leonardo León Sólis, Gabriel Salazar e Luis Ortega com o apoio de outros historiadores ingleses e da Universidade de Londres.

A partir de uma análise da publicação desse Revista pretendemos recuperar os debates historiográficos e políticos da época, discutindo como tanto a Revista como a Associação como um espaço de sociabilidade intelectual que teve um papel importante no surgimento da Nova História Social chilena, resultado de um processo de renovação da historiografia que esteve atrelado também ao combate à Ditadura Militar. A partir de uma história também dos intelectuais que compuseram essa Revista e de sua experiência no exílio será possível retomar os debates e as disputas de ideias que levaram ao surgimento de uma nova forma de se fazer historiografia no Chile, com reflexões vindas do exílio.

1. A formação da Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido e a Revista Nueva Historia

O que possibilitou que houvesse uma certa convergência de historiadores chilenos no Reino Unido durante a Ditadura Militar foi um programa de bolsas disponibilizado pela World University Service UK (SOZA, 2015) que permitiu que diversos intelectuais deixassem os campos de detenção no Chile e se mudassem para fora a fim de continuar seus estudos. De acordo com Paola Bayle (2013), esse programa forneceu cerca de 900 bolsas de estudo para que acadêmicos chilenos pudessem continuar seus estudos no exterior (BAYLE, 2013: 208). Essa intelectualidade, em sua maioria ligada a organizações de esquerda, encontrou-se na Europa em um contexto em que no Chile começavam os primeiros movimentos de mobilização da sociedade civil, marcado pelas Jornadas Nacionais de Protesto nos anos de 1980.

Dentre os intelectuais que foram para o Reino Unido nesse momento, Gabriel Salazar era um deles. O historiador que havia sido preso por conta de sua ligação com o *Movimiento de Izquierda Revolucionario* (MIR), foi um dos que conseguiu sair do país com a ajuda do programa de bolsas da World University. Do exílio, ele participou da fundação junto com Leonardo León Sólis, que havia sido seu aluno no Chile, da Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido.

O interesse estrangeiro no Chile se deve ao fato de que nesse país o golpe militar que iniciou a Ditadura depôs o primeiro governo com proposta socialista a chegar ao poder por vias democráticas na América Latina: a Unidade Popular liderada por Salvador Allende governava desde 1970 sob ameaças de grupos conservadores que em onze de julho de 1973 conseguiram de forma trágica derrubar o governo através do bombardeamento do palácio presidencial, *La Moneda*, com o presidente Allende dentro, resistindo. A partir desse momento, iniciou-se uma brutal perseguição, marcada pela imagem do *Estadio Nacional* Chileno ocupado por presos políticos, que levou muitas pessoas para o exílio, em especial professores ligados à Universidade chilena que haviam participado das mobilizações pró-Allende.

O incentivo dado pela bolsa da *World University Service* fez com que muitos desses intelectuais se reunissem novamente no Reino Unido. Com relação aos historiadores, no final de 1980 foi organizado um workshop sobre o Chile no *Latin American Institute* associado à Universidade de Londres que reuniu grande parte dos exilados e de especialistas de outros países que se interessavam pela História do Chile (SOZA, 2015). Dias depois dessa reunião, em 8 de novembro de 1980 foi fundada a Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido. A associação tinha originalmente treze membros² e o jovem historiador Leonardo León Sólis era um de seus líderes. De acordo com Felipe Soza (2015), um dos poucos historiadores a investigar mais a fundo a formação dessa Associação, havia diferenças políticas e historiográficas dentro da Associação, mas todos eram ligados de alguma forma à esquerda e estavam no exílio. Para Soza, isso permitiu que esse espaço se tornasse um local de criação de um campo metodológico comum a partir da influência das novas tendências inglesas e europeias (SOZA, 2015).

² Clara Bustos (Hull), Ana Gallegos (Essex), Jorge Hidalgo (London), Leonardo León (London), Alfonso Nuñez (Essex), Enrique Reyes (London), Alejandro Soto (London), Manuel Fernández (Glasgow), Patricio Herrera (Birmingham), Cristóbal Kay (Glasgow), Juan Monroy (London), Luis Ortega (London) and Gabriel Salazar (Hull). Informação retirada de: SOZA, op. cit..

O objetivo do grupo era principalmente acadêmico, tendo sido definido por Leonardo León como um lugar para compartilhar entre eles suas preocupações historiográficas, conversar sobre suas pesquisas e trocar informações sobre novas descobertas nos arquivos britânicos (SOZA, 2015: 105). O grupo se reunia uma vez por ano e havia trocas constantes entre os participantes de forma informal. A principal realização do grupo foi a criação de uma revista para divulgar o resultado de suas pesquisas e ampliar o espaço de debate com outros intelectuais. De acordo com o historiador Gabriel Salazar, na época já um importante acadêmico reconhecido no Chile, “la idea era sacar una revista que representara el pensamiento nuestro en una versión científica más acorde con lo que estábamos aprendiendo en Inglaterra”. (SALAZAR, 2003: 10)

A revista nomeada de *Nueva Historia* foi idealizada e fundada por Sólis, junto com Salazar e o historiador chileno Luís Ortega e contava com o apoio de quatro historiadores britânicos: John Lynch, Harold Blakemore e Andrew Barnard da Universidade de Londres e Simon Collier da Universidade de Essex. Mais tarde, em 1985, o historiador Armando de Ramón, amigo de Gabriel Salazar e que estava no Chile, ligado à Universidade Católica, se juntou ao resto do grupo. De acordo com Gabriel Salazar (2003: 10),

La idea de la revista era vincular a los historiadores en el exilio, nunca perseguimos objetivos políticos de ninguna especie como no fuera darle cabida a una historiografía crítica y sobre todo de alto nivel académico. En ese sentido era muy selectiva en la publicación de los artículos por lo que rechazamos un lote. Le dimos cabida a polémicas públicas de corte académico muy interesantes.

A publicação circulou entre 1981 e 1989 teve cerca de vinte e sete artigos publicados. A revista contava com o apoio da Universidade de Londres que além de dar patrocínio para a Associação, deixava que fosse utilizado seu sistema de correio para a distribuição de exemplares (SALAZAR, 2022: 17). O principal financiamento vinha da própria venda da revista e da renda daqueles que a fabricavam, mas Gabriel Salazar relembra que o custo não era muito alto para a sua produção e que as assinaturas estrangeiras financiavam grande parte da produção. (SALAZAR, 2003: 11) Uma parte interessante da produção da revista se refere às fontes usadas para as publicações, já que a maior parte dos textos se referem ao Chile e todos estavam já fora do país nesse momento. Salazar descreve como foi montado de forma espontânea e individual um sistema de envio de arquivos para o exterior:

Sobre el material, en el caso de nosotros tres [Salazar, Sólis e Ortega] que éramos los más cercanos y que más trabajamos, lo traíamos desde Chile. Yo tenía dos proyectos de investigación muy grandes que había hecho entre 1970 y 1972, con fondos de la Universidad Católica y outro con fondos de una fundación de la Universidad Católica y outro con fondos de una fundación alemana que también era por dos años. Fueron varios años de investigación con seis, siete ayudantes y todo ese material me lo llevé a Inglaterra, mejor dicho, mi hermana me fue enviando paquetito por paquetito que mandé de vuelta a Chile en unos baúles enormes. Leonardo León hizo lo mismo, se llevo el material desde Chile. En el caso de Ortega no fue tan necesario porque el centro de su tesis era en la industrialización chilena con respecto a las casas comerciales y mucho del material estaba en Inglaterra (SALAZAR, 2003: 11)

A revista teve boa circulação internacional, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. (SALAZAR, 2003: 11) Apesar das dificuldades impostas pela Ditadura, os editores da revista *Nueva Historia* conseguiram realizar alguns contatos com estudantes chilenos da Universidade Católica de Valparaíso, como Carlos Gómez e Maria Angélica Illanes, que havia sido aluna de Salazar. A Revista era escrita em espanhol, o que mostra a intenção dos autores de se inserirem nos debates acadêmicos realizados a partir do Chile. (BAYLE, 2013: 219)

A escolha do nome “*Nueva Historia*” veio da decisão de posicionar a revista como uma publicação crítica tanto da historiografia tradicional, quanto da historiografia marxista. “Historia” havia sido o nome da revista criada por Jaime Eyzaguirre, um dos principais expoentes da historiografia tradicional chilena, em 1960 na Pontificia Universidade Católica do Chile (PUC-Chile), “*Nueva Historia*” então seria uma renovação historiográfica proposta por esse grupo que incluía análises econômicas e sociais na historiografia chilena (BAYLE, 2013: 219). Um dos outros títulos pensados para a publicação havia sido “Alamedas”, espaço que é um símbolo das lutas e protestos referenciados no último discurso de Salvador Allende de dentro do *La Moneda*. Devido ao seu caráter simbólico, apesar do nome não ter sido escolhido, foi mantida uma referência a ele com uma logo que era a Alameda na capa da revista.

De acordo com Felipe Soza, as maiores críticas da revista *Nueva Historia* eram dirigidas à três tendências da historiografia chilena: as tendências conservadoras e liberais que para os historiadores ligados ao projeto deixaram as pessoas comuns de fora dos seus estudos; aos historiadores marxistas e suas produções ensaísticas que para eles respondiam mais à necessidades políticas do que históricas e à falta de um relato histórico das classes populares, dos sindicatos e dos movimentos políticos entre 1970 e 1973 que os historiadores envolvidos na *Nueva Historia* buscavam preencher. Percebemos que há uma convergência entre as preocupações dos historiadores chilenos com o cenário acadêmico da Inglaterra naquele

momento. Os historiadores chilenos exilados no Reino Unido tiveram contato com os estudos de Edward Thompson, Eric Hobsbawm e Christopher Hill, grupo foi responsável pelas principais mudanças na historiografia que levaram ao surgimento da História Social, com o desenvolvimento de temáticas até então inexploradas como a “história vista de baixo” e a “história de pessoas comuns”. Esses historiadores fizeram parte do que ficou conhecido como o “Grupo de Historiadores do Partido Comunista” que se formou entre os anos de 1946 e 1956 na Inglaterra. Assim como os historiadores chilenos exilados que vinham de uma trajetória política ligada à esquerda, o grupo inglês tinha em comum uma “agenda política” comprometida com a mudança social ao mesmo tempo em que tentavam interpretar historicamente o mundo em que viviam (HIMMELFARB, 1987: 89). Acreditamos que tanto do ponto de vista historiográfico como também político, os dois grupos tinham projetos bastante próximos.

Os três ingleses são citados pelos historiadores chilenos como pessoas que contribuíram para sua formação no exílio. Em entrevista para Felipe Soza, Luis Ortega afirma ter tido discussões sobre a situação do Chile com Christopher Hill, um dos expoentes do grupo responsável pelos estudos sobre a Revolução Inglesa. Leonardo León declarou que era muito próximo a Thompson e Hobsbawm que na época também estavam em Londres e diz que se arrepende de não os ter chamado para compor o projeto da revista devido a relevância de seus estudos (SOZA, 2015: 112). Apesar do grupo reunido em torno da *Nueva Historia* não haver constituído naquele momento um corpo teórico-metodológico em comum, é inegável que existiu um intercâmbio entre as propostas através da circulação de ideias de um grupo para o outro.

Gabriel Salazar era o que estava mais distante geograficamente desse círculo intelectual por morar fora de Londres onde estavam León e Ortega, mas de qualquer forma, foi influenciado pelas ideias e trocas que ocorreram com o grupo. Para a publicação, foi montado um sistema a distância para que Salazar pudesse participar. De acordo com ele,

En gran parte de la Revista la hicimos los tres siempre con la iniciativa de Leonardo. Yo les hacia llegar mis colaboraciones a la distancia, observaciones criticas y hacíamos reuniones de vez en cuando en Londres. El grueso del trabajo lo hizo Leonardo y Luis Ortega que también ayudaba por aqui y por allá para sacar la revista.(SALAZAR, 2003: 11)

Essa distância geográfica de Salazar era compensada por seus contatos já que ele conseguiu estabelecer uma rede com o grupo universitário local, com sindicatos e outros grupos mais amplos. E por conta de seu prestígio na época, já que quando foi para o exílio Salazar já era

professor em duas das principais universidades chilenas, a Universidade do Chile a Universidade Católica do Chile. As diferentes atribuições de cada um para o projeto da *Nueva Historia* eram retratadas na divisão da Comissão Editorial: Leonardo León era o secretário executivo, Luis Ortega e Gabriel Salazar eram os conselheiros enquanto os demais historiadores britânicos que participavam do projeto eram parte da Comissão Editorial Assessora. Mais tarde foi criada também um Comitê Internacional com a entrada de Armando de Ramón para o projeto.

Foram publicados dezessete tomos da revista que datam de 1981 até 1989 e tinham a seguinte organização: no ano 1 da revista foram publicados os números de 1 a 4, sendo a primeira publicação em junho de 1981, a segunda em setembro do mesmo ano, a terceira em janeiro de 1982 e a quarta em abril de 1982; no ano 2 da revista foram publicados os números de 5 a 8, sendo a quinta edição no mês de setembro de 1982, a sexta em outubro/dezembro do mesmo ano, a sétima em janeiro/março de 1983 e a oitava em abril/dezembro de 1983; no ano 3 todas as publicações foram feitas em 1984 e a revista apresentou uma regularidade maior, sendo a de número nove referente a janeiro/março, a de número dez abril/junho, a de número onze de julho/setembro e a de número doze de outubro a dezembro; no quarto ano de existência da revista foram publicadas apenas duas edições sendo as de número treze e catorze juntas referentes a janeiro/junho de 1985 e as de número quinze e dezesseis também saíram juntas referentes ao meses de julho/dezembro de 1985; no último ano a *Nueva Historia* teve apenas uma publicação de número dezessete referente aos anos de 1988-1989. Pela descrição feita é possível perceber que a publicação alterna entre períodos de maior constância de publicação e períodos em que os intervalos de publicação foram maiores. O intervalo entre a penúltima e a última revista é o maior devido ao fato de que em 1985 Salazar e Ortega retornaram ao Chile, o que interrompeu o projeto e por isso sua última publicação ocorreu em 1989, dois anos antes do retorno de Leonardo León da Inglaterra.

Analisando a estrutura da revista *Nueva Historia* é possível perceber que ela foi sendo formada conforme as publicações eram feitas. Durante seu primeiro ano, a revista era constituída basicamente de um artigo e uma resenha bibliográfica, contando com duas publicações de Luís Ortega e Leonardo León e uma de Gabriel Salazar e do historiador Manuel Fernandés. Além disso, a *Nueva Historia* contou com a participação de historiadores ingleses como Paul Cammack e John Fisher. Na primeira edição há uma apresentação do projeto feita por Harold Blakemore na qual ele comenta a presença de historiadores chilenos no Reino Unido e os

benefícios disso para a Inglaterra. Nos chama atenção que nessa apresentação não foram mencionados os motivos que levaram esses intelectuais a estarem ali, a Ditadura Militar, a expulsão que sofreram de seu país e toda a sua história de militância são deixados de lado sendo uma apresentação que menciona apenas o valor historiográfico da troca proporcionada pela chegada dos intelectuais chilenos. Essa ausência tem relação com o caráter estritamente acadêmico que o projeto objetivava ter e ela se reflete nas demais publicações da *Nueva Historia*. Em nenhum artigo, prefácio, carta da revista há uma menção direta à Ditadura e aos debates políticos da época, entretanto, a própria proposta historiográfica feita por esses historiadores pode ser considerada por si só eminentemente política. A inserção do estudo das camadas populares na História era uma proposta revolucionária em meio à uma Ditadura que buscava apagar qualquer relato e vestígio histórico do que foi o movimento social chileno e do que ele poderia ser no presente.

É difícil saber de que forma a revista *Nueva Historia* circulava entre os chilenos, justamente por conta do controle político da época, existem poucos registros de como essa publicação chegava ao Chile. Em entrevista, Salazar menciona que existia uma rede de contatos com a *Vicaría de la Solidariedad*, naquele momento já um reconhecido espaço de defesa dos Direitos Humanos ligado à Igreja Católica, e com Centros de Estudo que faziam com que a publicação chegasse, ainda que em poucas quantidades, ao Chile. É possível perceber também que havia um intercâmbio constante com o Chile através de uma análise das resenhas que eram publicadas na revista. Existem resenhas de livros que haviam sido lançados no Chile no mesmo ano da publicação da revista ou em anos anteriores o que mostra que esses historiadores no exílio não se afastaram completamente da produção historiográfica que estava sendo feita no Chile. Além disso, através da revista a Associação de Historiadores Chilenos no Reino Unido realizou um concurso internacional de História do Chile. Os ganhadores tiveram a chance de publicar seus artigos na revista. María Angélica Illanes, na época ainda estudante no Chile, compartilhou prêmio com outros historiadores no segundo lugar, tendo seu artigo publicado. Na revista seguinte, ela voltou a publicar junto com Armando de Ramón, o que mostra como os historiadores chilenos se mantiveram em contato com o grupo da *Nueva Historia* durante o tempo de exílio.

Além de ser um espaço de diálogo com os historiadores chilenos, ela foi também um lugar de trocas com especialistas de outros países que também estudavam o Chile. Na revista de

número 8 existe um levantamento de teses publicadas sobre a História do Chile na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na França. A partir do terceiro ano de existência da *Nueva Historia*, a revista se tornou ainda mais profissional, tendo uma nova formatação que incluía a publicação de cartas ao final com o resultado dos debates acadêmicos gerados pela revista. Nessas cartas muitas vezes vinham pedidos de divulgação de novos centros de estudos que começavam a serem formados no Chile. Na revista de número doze foi publicada uma carta dos historiadores Jorge Nuñez e Patricio Quiroga anunciando a criação do *Instituto de Estudios Contemporáneos*. Esse Instituto visava reunir historiadores que já haviam retornado ao Chile junto com outros que já estavam no país para reunir pesquisas de História e da Ciência Política. Nuñez e Quiroga justificam a criação desse Instituto a partir da necessidade de rompimento com a historiografia conservadora e que apoiou a Ditadura Militar e de criação de um espaço de reflexão democrático e popular no Chile:

El predominio de la historiografía conservadora y reaccionaria en las universidades, legitimadora de la Dictadura; la eliminación de áreas temáticas completas dentro de su amplio campo, y la inexistencia en el ámbito alternativo extra-universitario de un centro dedicado al estudio de la historia de nuestro país, desde un punto de vista democrático y popular, fueron, brevemente, algunas de las consideraciones que hicieron objetivamente necesaria la creación de nuestro Instituto. (CARTA DE PATRICIO QUIROGA E JORGE NUÑEZ, NUEVA HISTORIA, N° 12, 1984)

Também na revista de número doze foi publicada uma carta do historiador em formação Rafael Sagredo anunciando a criação da revista *Historia-Hoy*, publicada por um grupo de assistentes do *Instituto de Historia da Universidade Católica do Chile* e que tinha no Conselho editorial professores como Sergio Villalobos e Cristián Gazmuri. Rafael Sagredo indicou que o principal foco da revista eram os novos temas abordados por jovens pesquisadores, visando dar uma maior orientação para aqueles que desejam ingressar nos estudos históricos. Na Carta, Sagredo diz que um dos temas de maior interesse são relacionados ao século XX e pedem o contato de Luis Ortega e Gabriel Palma, “*cuyos estudios sobre nuestra historia económica más reciente son aquí conocidos y difundidos*” (CARTA DE RAFAEL SAGREDO, NUEVA HISTORIA, N° 12, 1984).

As cartas, as resenhas e publicações na revista, assim como o relato dos historiadores que a organizaram, mostram como a *Nueva Historia* se tornou um ponto de encontro para os interessados na História do Chile naquele momento, chilenos ou não, de dentro e de fora do país, a publicação buscou reunir pesquisadores interessados no tema e que partissem de um ponto de

vista crítico à historiografia que vinha sendo desenvolvida no Chile, uma história tradicional, conservadora e que não incluía o relato das camadas populares em sua narrativa. A revista *Nueva Historia* foi um espaço transnacional de divulgação de novos trabalhos, dos resultados de pesquisas de seus editores³, mas também de debates que aconteciam principalmente através da publicação de resenhas bibliográficas.

2. Debates historiográficos: o início de uma “nueva historia”

Uma das publicações que nos permite entender melhor o diálogo que acontecia com os historiadores de dentro do Chile e as críticas feitas pelo grupo da *Nueva Historia* foi o ensaio feito por Gabriel Salazar intitulado “*Historiadores, Historia, Estado y Sociedad. Comentarios críticos en torno al ‘Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX de Mario Góngora’ por Gabriel Salazar*”. O ensaio publicado em 1983 comentava a mais recente obra de Mario Góngora, um dos grandes expoentes da “escola estruturalista” no Chile. Nele, Gabriel Salazar fez uma reflexão sobre o estado da historiografia no Chile naquele momento, lançando algumas críticas à obra de Góngora, de quem havia sido assistente na Universidade.

O grande ponto abordado por Salazar foi o afastamento dos historiadores do debate público no Chile. De acordo com ele, “en el pasado, los historiadores chilenos – tanto académicos como no académicos – intervinieron con regularidade en el gran debate nacional” (NUEVA HISTORIA, 1983: 193), essa intervenção acontecia principalmente através da publicação de “ensaios” que trabalhavam o “sentido” da História do Chile. Para Salazar, essa tradição se perdeu depois das publicações do historiador Alberto Edwards, considerado por ele o último historiador chileno a ter relevância no debate público. Ao mesmo tempo nesse período para Salazar aumentou a participação de economistas, sociólogos e cientistas políticos nos debates públicos, principalmente depois dos anos de 1960. Ainda que reconheça a importância da geração de historiadores marxistas representados por “Jobet, Segall, Ramírez e Vitale”⁴, Salazar afirma que não existem registros de contribuições importantes na linha dos ensaios históricos sobre os períodos mais recentes da História do Chile. De acordo com ele, “el crucial período

³ Numa das revistas foi publicada a versão em espanhol de parte da dissertação de mestrado de Leonardo León “The Araucanian Rebellion of 1867-1872 in Argentina and Chile”, defendida em 1979 na Universidade de Londres orientada pelo professor John Lynch.

⁴ Se refere aos historiadores Julio César Jobet, Marcelo Segall, Hernán Ramírez Necochea e Luis Vitale.

1938-1981, quizás el más completo y trascendental de la historia de Chile independiente, ha presenciado el repliegue de los historiadores hacia los remotos tiempos coloniales” (NUEVA HISTORIA, 1983: 194-195).

Gabriel Salazar condena o afastamento dos historiadores que se voltaram para escrever apenas uma história colonial chamando isso de uma “introversão academicista”. De acordo com ele, essa introversão da ciência histórica favoreceu o desenvolvimento de uma reflexão nacional “ahistórica, estructuralista, nominalista y generalmente ideologista” (NUEVA HISTORIA, 1983: 194). Salazar aponta nesse trecho uma grande discordância com os “grandes esquemas teóricos abstratos” da economia, da sociologia e da sociopolítica e defende algo que atravessou toda sua vida acadêmica: uma prática histórica das ciências sociais. Para ele, os estudos das ciências sociais deveriam ser sempre complementados com as reflexões feitas pela história. A partir desse trecho, o autor começa a delinear as consequências políticas do que ele indica ser uma prática “ahistorizante” das ciências sociais:

Uno tras otro, los grandes esquemas ideológicos abstractos (a saber, el desarrollismo, el anti-dependientismo y el neo-liberalismo) han concluido o están concluyendo por enfrentar una crisis particular, reproduciendo así la sensación chilena de “crisis crónica”. El resultado de ello puede ser – y parece ser que ya es – que el pueblo chileno experimente crecientes dificultades para llamar las cosas por sus nombres propios, es decir, con términos directos que permitan una adecuada comprensión de lo que realmente ocurre y favorezcan la intercomunicación entre todos. (NUEVA HISTORIA, 1983: 194)

Para Gabriel Salazar, a falta de uma reflexão histórica sobre o Chile já começava a apontar consequências práticas naquele momento que estavam relacionadas a uma dificuldade de comunicação entre as pessoas e a sensação constante de uma crise crônica no país. Apesar de ele próprio não nomear a crise a qual se refere está diretamente relacionada à Ditadura Militar que nesse momento já completava dez anos de existência. Devemos lembrar que o texto é escrito no contexto das manifestações de 1983 que começavam a questionar a Ditadura e a pressionar por um outro modelo de transição que não fosse aquele proposto pelos militares.

Percebemos aqui a compreensão que Salazar tem do fazer historiográfico e de como ele entende a História como um instrumento de mudança da sociedade. Nas palavras do autor, “la historia, como ciencia viva, es decir, como un método científico determinado que trabaja desde el interior de la práctica social de hombres concretos, puede, mejor que otras ciencias sociales, conducir el debate haciéndose e influyéndose mutuamente” (NUEVA HISTORIA, 1983: 194). Salazar acusa os historiadores universitários chilenos de terem se “autoexilado” nos tempos

coloniais e de terem passado a considerar os ensaios históricos como “acientíficos”. Para ele, era justamente através dos ensaios históricos que os historiadores costumavam se posicionar no espaço público e refletir sobre temas importantes para a sociedade, já que o modelo de ensaio permite uma maior reflexão por parte do autor. O historiador está aqui convocando os historiadores chilenos a voltarem a ter uma intervenção mais direta no debate público.

Salazar traça todo esse caminho de reflexão para exaltar a importância do texto de Góngora ao romper com isso, trazendo de novo o gênero do ensaio histórico para as publicações acadêmicas. De acordo com ele, esse modelo requer uma compreensão maior do tempo histórico em que se está vivendo por parte do historiador e Salazar reconhece que as dificuldades para se escrever história no Chile de 1980 não são as mesmas de anos atrás. Para o autor,

Ya no es posible pensar Chile sólo a partir de sus elites aristocráticas, ignorando las mayorías populares, o los males de la economía nacional, desconociendo el rol orgánico de la economía internacional; o sólo el orden cívico, olvidando las necesidades del desarrollo o los puros esquemas ideológicos, desvalorizando las fuerzas sociales de base; o incluso la sólo superestructura estatal, escamoteando el conjunto vivo de la sociedad real. (NUEVA HISTORIA, 1983: 196)

O que Salazar defendeu nesse trecho foi a inserção de grupos até então excluídos da história nacional e uma compreensão mais ampla da história que considerasse todos os seus aspectos, econômicos, políticos, sociais, nacionais e internacionais. Ele comenta as mudanças na história mundial entre 1960 e 1980, com a Guerra Fria, a experiência da União Soviética e outros acontecimentos marcantes do mundo contemporâneo e indica que no Chile, “*la década de 1970-1980 ha producido una ruptura histórica que es imposible desconocer, sobre todo por la cantidad de procesos nuevos que ha desencadenado*” (NUEVA HISTORIA, 1983: 196).

A partir desse momento no texto ele começa a fazer uma crítica mais dura ao ensaio de Góngora, indicando que o autor tenta fazer uma reflexão num modelo de pensar a longa duração, mas que acaba resultando numa “hegemonia do passado sobre o presente”, ao dedicar apenas nove páginas de seu texto às décadas de 1970 e 1980, período em que ocorreu a vitória da proposta da Unidade Popular nas urnas e sua derrota através do golpe e do início da Ditadura. Sobre isso, Salazar diz que “es evidente que el profesor Góngora no pretendió hacer descansar su reflexión en la percepción del tiempo histórico presente” (NUEVA HISTORIA, 1983: 197). Outra crítica feita por Salazar é o papel atribuído por Góngora à classe trabalhadora que, de acordo com Salazar, aparece numa percepção meramente quantitativa como uma “masa anónima rebelándose contra a elite”. Para Salazar, “de este modo, el autor concluye por negar a

las ‘masas’ la categoria de ‘pueblo’, la que, en cambio, se reserva para aquél sector de la ciudadanía que demuestra tener sentido y conciencia del orden y la legitimidade del Estado” (NUEVA HISTORIA, 1983: 199). Percebemos aqui uma proximidade com os estudos de Thompson que ao analisar a formação da classe operária inglesa permitiu que esses indivíduos aparecessem no relato histórico não apenas como números, mas com uma subjetividade e ações próprias que conformaram esta classe.

Salazar deixou para a parte final de seu texto uma crítica mais direta ao posicionamento político de Góngora, que de acordo com ele, está relacionado aos problemas de sua percepção histórica. De acordo com Salazar, de forma bastante similar ao que ocorreu com Alberto Edwards que apoiou a ditadura de Ibanéz (NUEVA HISTORIA, 1983: 199), Góngora também defendeu o golpe militar em 1973:

Edwards creyó ver en la ditadura del coronel Carlos Ibañez la “estabilidad normal restaurada por fin”, y lo apoyó con entusiasmo. El profesor Góngora, que deja claro que para él las Fuerzas Armadas han sido “la columna vertebral del Estado chileno” (p. 133) y una institución que, por razones geopolíticas, constituye un “límite impasable frente a la ofensiva contra el Estado” (constituyendo una suerte de valor nacional “que está por encima de todo cálculo económico y de toda ideología individualista”), creyó ver a su vez en el régimen del general Augusto Pinochet “la reanudación de la idea de Estado Nacional” (NUEVA HISTORIA, 1983: 199)

Salazar reconheceu que Góngora apesar de ter num primeiro momento apoiado o regime, agiu de forma mais “cautelosa” que seu predecessor Edwards, ao também identificar na Ditadura Militar de Pinochet um movimento ofensivo contra o Estado por sua “proclama política de descentralización de los aparatos del Estado (o sea, por su neoliberalismo formal)” (NUEVA HISTORIA, 1983: 199).

O ensaio de Salazar recebeu uma resposta de Góngora que foi publicada na revista seguinte na seção de “Cartas”. A Carta foi escrita em 1983, o que indica o rápido recebimento da publicação por Góngora que ainda estava no Chile. Góngora não questiona as críticas feitas por Salazar e reconhece que elas se devem às concepções históricas distintas de ambos os historiadores, mas critica o uso da palavra “cauto” feito por Salazar para falar sobre a crítica de Góngora à Ditadura Militar:

Me pregunto que significa aquí “cauto”. La palabra puede tener una connotación moral – venir de un servilismo. Pero creo que el contexto desmiente evidentemente tal acepción. “Cauto” puede implicar, en un plano intelectual, una actitud vacilante. Pero el contexto de todo esse capítulo final de mi libro manifiesta claramente mi convicción, nada vacilante, de que el Ultraliberalismo económico significa la destrucción del Estado y de la

comunidade nacional que, es cierto, creí que pudieron ser restaurados en 1973 por la derrota del Comunismo (posición personal ésta última que no tengo porque entrar a discutir en esta carta). Por ello la palabra “cauto” me parece equívoca, impropia.
(CARTA GÓNGORA, NUEVA HISTORIA, N° 8, 1983)

A resposta de Góngora não recebeu uma tréplica de Salazar na revista, entretanto, essa discussão historiográfica e política entre os dois historiadores mostra como as reflexões que vinham sendo feitas pelo grupo da *Nueva Historia* buscavam incorporar o a narrativa das camadas populares ao relato histórico, assim como abrir caminho para que análises de tempos mais contemporâneos fossem feitas.

3. Considerações Finais

Através da análise das publicações da *Nueva Historia* podemos fazer algumas considerações finais sobre o papel da revista na renovação da historiografia chilena nos anos de 1980. Em primeiro lugar, elas demonstram como, apesar das limitações geográficas, foi possível produzir no exílio uma rede de contato entre os intelectuais chilenos que se mantiveram no país e os que tiveram que sair. Assim como foi possível ampliar essa rede de forma transnacional para incorporar também historiadores estrangeiros que passaram a fazer parte de forma muito ativa do processo de renovação da historiografia chilena durante a Ditadura. Portanto, essa renovação só pode ser entendida enquanto um movimento transnacional e que manteve em diálogo especialistas sobre o Chile em diversos continentes e países distintos.

As publicações feitas em *Nueva Historia* mantiveram um contato constante entre os historiadores chilenos de fora e de dentro do país que permitiu que ambos avançassem em suas reflexões de forma bastante próxima possibilitando a formação de um campo intelectual que, com o retorno dos exilados e o fim da Ditadura, se consolidou e passou a estar dentro das universidades e dos principais centros de pesquisa do Chile. Podemos dizer que quando esses historiadores retornaram havia um “clima favorável” para suas ideias e reflexões que é identificado por eles mesmos nas primeiras percepções de quando retornaram ao seu país.

Gabriel Salazar comenta da “gratíssima surpresa” que foi perceber que no Chile havia uma boa quantidade de pessoas que estavam pensando o mesmo e começavam a fazer o mesmo trabalho do ponto de vista historiográfico e intelectual. Isso proporcionou o que ele chamou de

um “Encontro de Historiadores” unindo esses intelectuais na direção de uma renovação historiográfica que levou à inserção do movimento social na historiografia produzida no Chile.

E por fim, gostaríamos de considerar a importância da História Social Inglesa para a formação da Nova História Social Chilena. Isso se comprovou anos mais tarde, quando ao retornar ao Chile Gabriel Salazar publicou sua tese de doutorado desenvolvida na Universidade de Hull. No livro “Labradores, peones y proletários” de 1985 Gabriel Salazar desenvolveu a ideia do que ficou conhecido como “ciência del pueblo”. Essa ideia se baseava numa construção histórica que apresentasse o povo “enquanto tal”. Para Salazar, a historiografia chilena havia trabalhado com a noção de “povo” dividindo-o por facetas, diferenciando entre um “homem doméstico e outro político”, entre um povo consciente e outro inconsciente e para Salazar, “la historicidad del pueblo no se acelera dividiendo la masas populares, sino sumándolas y, sobre todo, potenciándolas” (SALAZAR, 2000: 17). Por isso, era necessário recuperar todas essas facetas historicamente divididas do “povo”.

O historiador Julio Pinto equipara o impacto da obra de Salazar ao que foi a publicação do livro “A Formação da Classe Operária Inglesa” por E. P. Thompson:

A Salazar lo conocí cuando él volvió a Chile que fue el 84 y bueno Salazar era una referencia para todos nosotros, un gurú y justo coincidió que salió su libro labradores peones y proletarios que tuvo impacto tremendo en todos los que eran muy historiadores en ese tiempo jóvenes de izquierda yo diría guardando las proporciones que es casi como “la formación de la clase de la inglesa” es como la versión chilena ese libro para nosotros fue un terremoto.⁵

Essa comparação evidencia ainda mais a proximidade historiográfica, mas também política dos dois projetos: fazer uma História Social a partir da inserção do povo que permitisse também sua autolibertação.

Fontes

Entrevista com Julio Pinto, 8 de outubro de 2019, USACH. Acervo pessoal

Entrevista com Gabriel Salazar, 24 de janeiro de 2022, Santiago. Acervo pessoal

SALAZAR, Gabriel (2003). *Semblanza personal y su visión de la historia*. Entrevista concedida a Gutiérrez, Inostroza, Rodríguez e Zapata. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Ideas_Autores/salazarvg/salazarvg0001a.pdf> Acesso em 27 fev. 2024, p. 10.

Revista *Nueva Historia* [1981-1989]

⁵ Entrevista com Julio Pinto, 8 de outubro de 2019, USACH. Acervo pessoal, p. 3.

Referências Bibliográficas

- BAYLE, Paola (2013). Back Home: The World University Service-United Kingdom (WUS-UK) Return Program for Chilean Exiles. In: BEIGEL, Fernanda. *The politics of academic autonomy in Latin America*. Ashgate Publishing Limited: Inglaterra.
- BRAVO, Viviana (2016). *Piedras, barricadas y cacerolas: las jornadas nacionales de protesta. Chile 1983-1986*. Ediciones Alberto Hurtado: Santiago de Chile.
- COSTA, Adriane (2018). Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970. In: COSTA, Adriane Vidal e MAÍZ, Claudio. *Nas tramas da "cidade letrada": sociabilidades dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- FUENTES, Miguel (2007). *Gabriel Salazar y la "Nueva Historia": elementos para una polémica desde el marxismo clásico. 2007*. Trabalho de conclusão de curso (História), Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile.
- HIMMELFARB, Gertrude (1987). *The New History and the Old: Critical Essays and Reappraisals*. Cambridge: Harvard University Press.
- NETO, Raphael (2022). *A revista Chile-América no exílio: redes de denúncia, direitos humanos e renovação socialista (1974-1983)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- PINTO, Julio (2016). *La historiografía chilena durante el siglo XX. Cien años de propuestas y combates*. Valparaíso: Editorial América en Movimiento.
- SALAZAR, Gabriel (2000). *Labradores, peones y proletarios. Formación y crisis de la sociedad popular chilena del siglo XIX*. Santiago: Lom ediciones.
- SIRINELLI, Jean-François (2003). Os intelectuais. In: REMOND, R. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 231-270.
- SOZA, Felipe (2015). The Association of Chilean Historians in the United Kingdom, 1980-1989. *Storia della Storiografia*, n 67, 1.
- YANKELEVICH, Pablo (2001). Estudar o exílio. In: QUADRAT, Samantha (Org.). *Caminhos cruzados. História e Memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Curitiba: Fundação Getúlio Vargas. p. 15.